

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/327799250>

Esboço para uma história dos estudos em Comunicação no Brasil e na América Latina processos de institucionalização do campo

Chapter · September 2018

CITATIONS

0

READS

79

1 author:



Maria Immacolata VASSALLO DE LOPES

University of São Paulo

92 PUBLICATIONS 412 CITATIONS

SEE PROFILE

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



Ibero-American Observatory of Television Fiction - OBITEL [View project](#)



The (Re)Invention of TV Fiction Genres and Formats [View project](#)

Esboço para uma história dos estudos em Comunicação no Brasil e na América Latina: processos de institucionalização do campo

Maria Immacolata Vassallo de Lopes

Universidade de São Paulo

Escola de Comunicações e Artes

Introdução

Sabemos que a ciência é um discurso e uma prática sociais submetida a condições sócio-históricas de produção. Estas condições são dadas pelo contexto discursivo que define as condições epistêmicas de produção do conhecimento e pelo contexto social que define as condições institucionais e sócio-políticas dessa produção. A autonomia relativa do "tempo lógico" da ciência em relação ao "tempo histórico" é que faz da história e da sociologia da ciência um instrumento imprescindível para "dar força e forma à crítica epistemológica ou crítica do conhecimento, pois permite revelar os supostos inconscientes e as petições de princípios de uma tradição teórica" (Bourdieu, 1975:99).

É dentro dos marcos da sociologia da ciência que esse autor desenvolve sua noção de campo científico. De antemão, vale-se de sua noção de campo: "Um campo é um espaço social estruturado, um campo de forças - há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço - que é também um campo de lutas para transformar ou conservar este campo de forças. Cada um, no interior desse universo, empenha em sua concorrência com os outros a força (relativa) que detém e que define sua posição no campo e, em consequência, suas estratégias" (Bourdieu, 1983:57). Fazer sociologia da ciência, segundo o autor, é analisar as condições sociais de produção desse discurso e que são a estrutura e o funcionamento do campo científico.

Sem dúvida, temos aí um quadro de análise de grande densidade explicativa. A ciência acaba sendo definida por Bourdieu como um campo de práticas institucionalizadas de produção (pesquisa), reprodução (ensino) e circulação de capital e poder científicos. Entretanto, devido à distinção que ele traça entre formas objetivadas das práticas (rituais) e formas subjetivadas dessas práticas (estruturas mentais interiorizadas, isto é, *habitus*), é possível identificar aí o que outros autores trabalham como sendo as representações sociais da ciência. As representações sociais da ciência funcionam como matéria prima

das identidades científicas, fruto das formas simbólicas introjetadas, isto é, da cultura científica interiorizada. Cabe aqui retomar a ideias de ações estratégicas antagônicas dos sujeitos agentes (*agency*) - e que o antagonismo, seguindo Bourdieu, é o princípio da estrutura e da transformação de todo campo social - que agem no sentido da continuidade (estratégias de conservação) e da mudança (estratégias de subversão).

Tomando por referência esse quadro de análise no que diz respeito aos processos de autonomização e de institucionalização do campo da comunicação, pretendemos esboçar neste artigo uma linha de exposição em que figuram na história do campo da comunicação na América Latina, alguns agentes, notadamente os nomes de alguns pais fundadores e de associações como a ALAIC, INTERCOM, FELAFACS, dentre outras.

Breve panorama dos estudos históricos sobre o campo da comunicação no Brasil e na América Latina

Em termos de estudos sobre a história do campo comunicacional no Brasil e na América Latina, a literatura recente aponta progressos, embora não se possa dizer que haja uma história consolidada ou que esta esteja integrada a uma análise histórica internacional ainda a ser construída, como notam Simonson e Peters (2008) dos estudos de mídia e de comunicação. O fato desta produção sobre a história do campo ser quase exclusivamente publicada em língua portuguesa ou espanhola limita muito sua circulação e as possibilidades de intercâmbio com a pesquisa internacional.

O tratamento que daremos aos estudos de comunicação passa necessariamente pela constituição e desenvolvimento históricos da cultura e da comunicação nos países da região. Faz-se necessário então, o esclarecimento dos sentidos envolvidos nessa afirmação.

A primeira questão diz respeito à comunicação como um campo de estudos que progressivamente se *autonomiza* ¹ dentro do campo maior de conhecimento das Ciências Sociais e Humanas. Isto porque progressivamente vem se demonstrando a especificidade

¹ A autonomização de um campo é sempre relativa seja em face a outros campos seja em face a um campo maior em que está inserido. O caso do campo da comunicação é marcado por uma progressiva interiorização de determinantes para seu funcionamento: imperativos de desenvolvimento, critérios de autoridade e de legitimação internas, diferenciação de áreas e temas de estudo, etc. Sobre o processo de autonomização do campo cultural e do campo científico, ver Bourdieu (1982, 1983).

de seu objeto que são os fenômenos comunicacionais na sociedade contemporânea. Enfatizamos que esse processo de autonomização científica do campo da Comunicação é correlato à crescente autonomização da cultura nas sociedades contemporâneas, isto é, a constituição da cultura de massas e de seus principais agentes, os meios de comunicação. É nessa ordem histórica que surgem o ensino e a pesquisa de comunicação. O ensino da comunicação dá origem aos chamados cursos superiores de comunicação que têm por objetivo a formação especializada de profissionais para o mercado cultural, ao mesmo tempo que passam a concentrar a pesquisa acadêmica de comunicação, fato que vem a dar formas de legitimidade ao campo. Nesse processo de autonomização do campo da comunicação interagem, portanto, fatores de diversas ordens que são histórico-sociais (a organização capitalista da cultura), institucionais (os cursos de comunicação) e científica (a especificidade da pesquisa dos fenômenos comunicacionais).

A segunda questão refere-se à pesquisa em comunicação, aos problemas que envolvem a produção de conhecimento nesse campo. Como a comunicação se constitui historicamente como campo autônomo de estudos (o que ocorreu na história de cada ciência), ela não pode ser investigada fora dos marcos do contexto econômico, social, político e cultural que a envolve. As condições de produção dessa pesquisa são as condições concretas impostas pela realidade do país onde ela se faz. Daí podermos apreender toda a concretude da afirmação de que os problemas substantivos que se impõem à pesquisa em determinado país não são os mesmos da pesquisa em outro. A historicidade do objeto da comunicação é um *a priori* essencial para se compreender e avaliar a situação da pesquisa em determinado lugar.

No Brasil, aponta-se para uma “franca institucionalização” dos estudos que relacionam a História e a Comunicação em ambas as disciplinas (Ribeiro e Herschamnn, 2008). No entanto, isto vem ocorrendo predominantemente na Comunicação, como atestam os eventos que buscam reconhecer e estabelecer marcos da investigação², assim como as

² Um exemplo significativo foi o Ciclo de Conferências “50 anos das Ciências da Comunicação no Brasil: a contribuição de São Paulo”, promovido por duas instituições importantes: a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), órgão do governo paulista de fomento à pesquisa científica, e a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação (INTERCOM), a mais tradicional associação de pesquisadores da área. Realizado em 2013, o evento privilegiou o debate de trabalhos nacionais que foram importantes para a constituição da área de estudos no Brasil (no todo, mais de cem livros). Este conjunto de referências foi organizado em períodos, tendo início com os “precursores” do estudo da comunicação, originários das ciências sociais brasileiras, principalmente da sociologia, antropologia, história e estudos literários, a partir da década de 1950. A lista dos trabalhos está disponível em: <<http://www.fapesp.br/7888>>.

tentativas de historiografias recentes de maior fôlego, como a realizada por Barbosa et al. (2012).

Embora o conhecimento histórico tenha aumentado, existem muitas lacunas, assim como disputas, o que é natural, pode-se afirmar que o trabalho de sistematização da pesquisa em comunicação no Brasil e na América Latina, de teor mais ou menos histórico, ocorre desde o final da década de 1970, quando já havia certa trajetória nos estudos na região. Tais trabalhos devem-se principalmente ao aparecimento de novos espaços de pesquisa de comunicação e a necessidade de mapeá-los permanentemente (Gobbi, 2006; Fuentes, 2013; Agüero y García, 2013).

Utilizaremos os pares de categorias relativos às abordagens históricas propostas por Pooley e Park (2013), isto é, histórias centradas no campo/contextuais (*fieldcentric/contextual*) e histórias intelectuais/institucionais (*intellectual/institutional*), para organizar a literatura histórica conforme se segue.

No início, a partir da década de 1970, predomina uma literatura próxima dos gêneros de “avaliação” e “balanço” (Beltrán 1976, 1981), que utiliza ou desenvolve argumentos históricos, numa perspectiva basicamente *contextual*. São destacadas, sobretudo, as dimensões sociais – estatuto periférico da região, caráter dependente da produção científica, desenvolvimento dos meios de comunicação, etc. – que influenciaram os estudos de comunicação. Esta vertente tem continuidade em relatos de pesquisadores pioneiros, por vezes em tom memorialista, que procuram delimitar momentos e ideias relevantes da pesquisa no Brasil e América Latina (Marques de Melo 1988, 1993, 2004). Movimento posterior dessa tendência pode ser vista na descrição histórica de *instituições* pioneiras do campo (Marques de Melo e Gobbi, 2000). A literatura sobre o “estado da arte”, produzida na década de 1980 sobre a pesquisa de comunicação em geral ou em determinada área (Marques de Melo, 1983a e 1983b), não tinha originalmente pretensões historiográficas, porém, torna-se útil, aos olhos de hoje, como material para compreender certas dimensões *intelectuais* do campo (temáticas de pesquisa, abordagens, etc.). Fontes importantes para a história do campo são também as compilações bibliográficas sobre a pesquisa brasileira em comunicação (por exemplo, Marques de Melo e Dencker, 1984), realizada com auspício da INTERCOM.

É menos comum o trabalho histórico sobre o desenvolvimento isolado de teorias e correntes de pensamento (*fieldcentric*), já que os elementos contextuais têm influenciado

mais fortemente as agendas de pesquisa. No entanto, merecem destaque em termos de síntese e exposição reflexiva, os trabalhos de Rüdiger (1998, 2002) sobre a trajetória da pesquisa brasileira em comunicação em que realiza uma (re)avaliação e analisa as perspectivas relacionadas à pesquisa crítica.

A partir da década de 1990, aparecem obras que combinam elementos contextuais e intelectuais e examinam a pesquisa crítica brasileira e latino-americana, discutindo seu desenvolvimento e limitações (Berger 1999, 2001; Martino 2007).

Também focando elementos contextuais e intelectuais, porém de teor comparativo, há os estudos históricos (e de diagnóstico da situação atual) sobre a pesquisa de recepção na América Latina (Jacks, 2011) e os que mapeiam a situação dos programas de pós-graduação na região ibero-americana (América Latina, Espanha e Portugal) como o de Lopes (2012).

Predominante durante a década de 1960, o funcionalismo foi criticado e passou a conviver com a tradição da teoria crítica ao longo dos anos 70. Como já observado anteriormente, aqui se cruzam elementos da história contextual – a ditadura militar iniciada no Brasil a partir de 1964 (antecedendo outras rupturas democráticas na região: Chile 1973, Uruguai 1973, Argentina 1976, Bolívia 1980) e o contexto da guerra fria, que antagonizaram os intelectuais de esquerda e os governos dos Estados Unidos – e da história intelectual:

O poder da penetração dessa teoria na comunidade intelectual brasileira estaria na proporção direta em que fornece uma chave de leitura para as mudanças que ocorrem na esfera cultural do país, promovidas por um regime ditatorial. A combinação da ideologia repressiva com o avanço da modernização da esfera cultural, ao mesmo tempo que tipifica a realidade da Indústria Cultural no Brasil, justifica as razões por que a teoria da Escola de Frankfurt “pegou” entre nós. (Lopes 1990: 50-51)

A partir da oposição ao funcionalismo, que ao longo das décadas de 1960 e 1970 foi representado por investigações comparativas e descritivas sobre a “difusão de inovações” (linha de pesquisa de “comunicação e desenvolvimento”) e sobre as políticas nacionais e internacionais de comunicação (linha de “comunicação e política”), desenvolveram-se outras perspectivas. Este é o caso da proposta de “comunicação dialógica” de Paulo Freire (1971), que faz uma crítica ao difusionismo e ao modelo de comunicação como extensão (cf. Beltrán 1979, Lima e Christians 1979). A perspectiva extensionista, dentro da linha de “comunicação e desenvolvimento”, foi divulgada no Brasil e demais países da América

Latina desde o final da década de 1960, pelo CIESPAL e pela UNESCO. A obra de Freire³ influenciou vários autores da região, no próprio âmbito da discussão da comunicação para o desenvolvimento, casos de Juan Diaz Bordenave, ou de maneira mais ampla, de Jesús Martín-Barbero (1999).

Ao delinear uma história da “comunicação participativa” na América Latina, que marcaria distintivamente a região, Barranquero (2011) também destaca Freire, ao lado de outros pesquisadores como Antonio Pasquali, Mario Kaplún e Luis Ramiro Beltrán, assim como experiências práticas da região, como a das rádios dos trabalhadores de minas na Bolívia. Esta tradição latino-americana tem desdobramentos nas propostas de “comunicação alternativa”, “comunicação popular” e “comunicação comunitária”, com reflexos, também no Brasil, não somente acadêmicos, pois se volta à participação social e aos movimentos populares. Exemplos disso são as ações de “educação para os meios” ou “leitura crítica”, como a desenvolvida, a partir da década de 1970, pela União Cristã Brasileira de Comunicação Social (UCBC). Tratava-se de um programa de formação para agentes pastorais, religiosos, estudantes secundaristas, entre outros grupos.

Vale destacar a convergência desta proposta a Teologia da Libertação, bastante influente em toda a América Latina na época – teólogos como Leonardo Boff e Hugo Assmann chegaram a participar de encontros do programa da UCBC. Houve ainda o diálogo desta vertente com a pesquisa de recepção dos anos 1980. Segundo Paiva e Gabbay (2010), iniciativas similares ocorreram em outros países da América Latina, na mesma época, realizadas por instituições como o CENECA (Centro de Indagação, Expressão Cultural e Artística) do Chile, o CINEP (Centro de Investigação e Educação Popular), na Colômbia, e o CIESPAL, tendo em vista produzir “um ambiente em que a discussão centrada na preocupação em analisar criticamente a produção midiática e, conseqüentemente, a capacitação para a produção de mensagens para os diferentes meios de comunicação fossem possíveis” (2010: 95). Sobre o tema da “comunicação alternativa” no Brasil e na América Latina, Festa e Lins da Silva (1986) e Huesca e Dervin (1994) apresentam discussões.

³ Exemplificando as vicissitudes das ideias progressistas na América do Sul da época, Paulo Freire escreveu e publicou, em 1969, o livro em questão no Chile, editado no Brasil somente dois anos depois. Ele estava exilado no Chile desde 1964 e, com o golpe de Pinochet, em 1973, mudou-se para a Suíça.

Em outras perspectivas também começaram a ocorrer convergências de interesses entre os pesquisadores latino-americanos, em parte devido aos contextos sociais marcados pela situação similar de subdesenvolvimento dos países, dos vários regimes autoritários na região e no crescimento de indústrias culturais, com forte presença de conteúdos dos países desenvolvidos. Assim, a preocupação com o “imperialismo cultural” gera estudos sobre os fluxos de comunicação, e a teoria da dependência produzida na região, os trabalhos da Escola de Frankfurt e de outros autores de tradição marxista (como Althusser) fornecem embasamento conceitual aos trabalhos críticos, efetuados por vezes a partir de metodologias sócio-semiológicas. Conforme Armand Mattelart (1999), que trabalhou no Chile e publicou, com Ariel Dorfman, em 1971, o representativo livro do período *Para leer al Pato Donald. Comunicación de masa y colonialismo*, ao final dos anos 1970, “os pesquisadores latino-americanos assumiram um papel determinante no questionamento do princípio do *free flow of information* e do projeto de uma Nova Ordem mundial da Informação e da Comunicação” (1999: 16).

O próprio CIESPAL, a partir de um seminário ocorrido na Costa Rica, em 1973, redireciona sua perspectiva, a partir do embate ocorrido entre os pesquisadores da região de vertente crítica, que passam a substituir os professores estrangeiros. Centros de pesquisa de outros países, como o Centro de Estudos da Realidade Nacional (CEREN), fundado em 1970, no Chile, o Instituto de Investigaciones de la Comunicación (ININCO), criado em 1973, na Venezuela, e o Instituto Latinoamericano de Estudios Transnacionales (ILET), fundado em 1976, no México (e que acolheu alguns pesquisadores latino-americanos, principalmente do Chile, após o golpe militar neste país), também foram divulgadores das propostas críticas.

O Papel das Associações Científicas

Dentro desse breve panorama, é notório que as associações científicas são um objeto negligenciado pelos estudos da ciência. No entanto, elas são essenciais pois acompanham o desenvolvimento dos sistemas científicos nacionais. No campo da comunicação, isso se repete e há poucas exceções

No Brasil, a criação de uma série de instituições que organizam os pesquisadores favoreceu o diálogo nacional e inter-regional entre eles. Em 1972, foi criada a primeira entidade acadêmico-científica da área no Brasil, a Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa da Comunicação (ABEPEC) que durou até 1985. A dissolução da entidade é

sintoma da dificuldade de convivência e de diálogo entre as tendências de pesquisa da época (Rüdiger, 2002).

Embora a ABEPEC tenha se dedicado mais a questões curriculares do que ao campo da pesquisa, ela participou junto com entidades congêneres de três outros países (Venezuela, Colômbia e México) da fundação da Associação Latino-Americana de Investigadores da Comunicação (ALAIC), em 1978, em Caracas, Venezuela. Três anos depois é criada a Federación de Asociaciones de Facultades de Comunicación Social (FELAFACS), na Colômbia, contando com auxílio econômico da Fundação Konrad Adenauer, da Alemanha, interessada em promover a democracia cristã e o ensino da comunicação na região. Esse auxílio favoreceu a entidade que cresceu continuamente, ao contrário da ALAIC que seria reestruturada no Brasil em 1989. Esta entidade adquiriu maior dinamismo, realizando encontros bienais, desde 1992.

O processo de rearticulação da ALAIC teve importante participação da segunda entidade científica dos pesquisadores brasileiros, que conseguiu agregar de modo mais efetivo os pesquisadores, a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), criada em 1977 e existente até hoje. A INTERCOM realiza congresso anual e promove diferentes iniciativas voltadas ao fortalecimento do campo, como publicações, cursos, diálogo com governo e sociedade. Outra entidade nacional importante é a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), criada em 1990 e que atua nessa outra instância de institucionalização do campo – os estudos pós-graduados - que são criados a partir da década de 1970. Os mestrados pioneiros surgiram em 1972, na Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade de São Paulo e os doutorados começam no início dos anos 1980. A pós-graduação brasileira apresentou um aumento expressivo de programas na última década, como se discutirá no próximo tópico.

Os periódicos científicos

A partir do final da década de 1970 e início da década posterior são criados no Brasil periódicos científicos de teor mais maduro – alguns que perduram até hoje, como a *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação* (editado pela INTERCOM) e *Comunicação & Sociedade* (do programa de pós-graduação da Universidade Metodista

de São Paulo). Houve também a divulgação da pesquisa latino-americana através de revistas como *Chasqui* (editada pelo CIESPAL), *Diálogos de la Comunicación* (por FELAFACS) e *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación* (por ALAIC). Estas revistas, assim como os encontros das associações científicas e a circulação de livros, favoreceram a criação de um ambiente intelectual com certa articulação no campo comunicacional nos países da região.

O principal esforço coletivo reuniu pesquisadores de diversos países latino-americanos e recaiu sobre uma reavaliação da tradição da pesquisa crítica, feita principalmente através da perspectiva gramsciana sobre a cultura popular moderna, o que permitiu pensar as formas de resistência ao poder dos meios de comunicação de massa. O movimento relaciona-se à percepção do esgotamento da pesquisa de teor denunciata, ancorada principalmente nos autores frankfurtianos. A partir do final dos anos 1970, parte da pesquisa no Brasil, em consonância com o que se fazia em outros países da América Latina, busca escapar da “razão dualista” (Martín Barbero, 1987) que opunha o massivo e o popular, a produção e o consumo da comunicação. Delineiam-se, nesse momento, e ao longo da década de 1980 (em paralelo, no caso brasileiro, ao processo de redemocratização do país) os parâmetros para os estudos de recepção, que elaboram uma construção teórica que desmonta as teses de passividade e manipulação dos receptores, e cuja originalidade foi reconhecida internacionalmente (Moragas 1981, Capriles 1982). “A perspectiva que vai, então, se formando entre os pesquisadores é: a comunicação deve ser tratada no cenário da *cultura* que na América Latina encontra eco na sua formação *híbrida*, que propicia múltiplas *mediações* na *recepção* das mensagens” (Berger 2001: 268). Os conceitos destacados dão o tom das preocupações que atravessariam a pesquisa da região na década posterior. No contexto brasileiro, as metodologias qualitativas ganham reforço e há uma diversificação das temáticas: recepção, comunicação e cultura popular, tecnologias de comunicação, linguagem dos meios, comunicação e educação, ensino de comunicação.

Claramente todos esses cenários em mudança passam a desafiar a pesquisa de Comunicação impondo revisões e elaboração de novas categorias de análise. A globalização é um novo paradigma histórico e epistemológico para as ciências sociais (Ianni 1994); é uma nova dimensão da cultura que complementa, combina e altera a cultura nacional e a local (Ortiz 1994). Sobretudo, ela traz questionamentos para velhas certezas acerca das diversidades e heterogeneidades de que é feita a cultura, de aspetos

relegados como as sensibilidades e as sociabilidades, as hibridizações e as mediações que perpassam os processos de comunicação e de cultura. E tudo isso circundado e embebido na natureza densa e multidimensional das tradições, memórias e identidades, da história viva de cada grupo, classe, etnia deste país marcado por desigualdades e dominações seculares, em que a tardo-modernidade se apresenta mesclada de anacronismos e contemporaneidades.

Considerações finais e algumas perspectivas de futuro do campo

Como demonstramos, para nós, estudiosos da comunicação, este é um momento histórico particular porque vemos colocada a comunicação no centro da sociedade contemporânea e no seu próprio sentido. É nesse momento que residem as explicações mais plausíveis para a "explosão da comunicação", a explosão dos cursos de comunicação e, principalmente a explosão da importância dos estudos de comunicação. Estamos longe das enganosas explicações sobre as fantasias midiáticas dos jovens que fariam crescer vorazmente as faculdades de comunicação ou sobre a inespecificidade dos estudos de comunicação.

É no entroncamento dos processos de institucionalização acelerada dos estudos de comunicação com o crescimento da insatisfação generalizada com a sua disciplinarização no contexto das ciências sociais (Wallerstein 1996) e com a sociedade da comunicação (Vattimo 1992), que se pode identificar uma espécie de *institucionalização interdisciplinar dos estudos de comunicação*. Característica que a torna um "paradoxo" em face à aceleração do seu processo de institucionalização como interdisciplina, pelo menos desde a década de 2000.

A preocupação com esse mesmo paradoxo é que leva Capparelli e Stumpf (1998) a afirmarem: "a Comunicação, na sua dimensão institucional, procura se organizar de forma autônoma, mas não em termos epistemológicos. Não que os objetos de estudo tivessem se tornado particulares ou que os pressupostos teóricos fossem próprios. Na verdade, a massa crítica sobre o fenômeno criou nichos de pesquisadores situados, em termos profissionais ou burocráticos, nos chamados departamentos de comunicação. Em outras palavras, o campo institucional procurou se especializar. Um paradoxo: procurou se especializar institucionalmente no momento em que a fragmentação aumenta em termos

de interfaces e de perspectivas teóricas" (Capparelli e Stumpf, 1998: 9). Não obstante a correção do diagnóstico, nosso esforço foi demonstrar que esse paradoxo é aparente, sustentando que o caso dos estudos de comunicação no Brasil em que a sua institucionalização como campo acadêmico é concomitante a uma progressiva afirmação de seu estatuto *transdisciplinar*. Em outros termos, é um caso de luta para afirmar institucionalmente um *campo acadêmico transdisciplinar* e afirmar o estatuto *transdisciplinar* da comunicação. Este estatuto, entretanto, não constitui um caso isolado, mas antes, deve ser entendido como fazendo parte de movimento contemporâneo de reconstrução histórica das ciências sociais.

Duas observações decorrem dessa posição. A primeira é que a reestruturação transdisciplinar das ciências sociais não implica em dissolver a formação de pesquisadores nem a prática científica em generalidades, mas sim em articular nela a experiência e os recursos de diversos ramos e enfoques em uma síntese que, na proliferação de objetos de estudo abordados, conflua enquanto lógica científica para a produção de conhecimento pertinente e consistente, e que responda às necessidades sociais, mais além das "grupais", que em todo caso se somariam em uma identidade maior para assim fortalecer-se. A segunda observação é que a transdisciplinarização assim entendida não supõe uma arbitrária e radical dissolução da estrutura disciplinar no institucional, e muito menos no cognoscitivo ou enquanto processo de formação. É precisamente através da conquista do rigor teórico-metodológico e da ampliação e consolidação do domínio dos saberes até agora fragmentados em disciplinas que nós, pesquisadores da comunicação, poderemos avançar, a partir do espaço acadêmico, juntamente com o nosso tempo sociocultural.

Subsiste a grande preocupação de que as pesquisas em comunicação realizadas nos países latino-americanos dialoguem mais entre si e dialoguem mais com a pesquisa internacional. Pesquisadores locais têm sido estimulados a participar de projetos e redes de pesquisa internacionais e a publicar em periódicos de língua inglesa – observa-se, aliás, que uma tendência atual é a publicação de revistas científicas brasileiras bilíngues. Porém, há também a preocupação de que atividades deste tipo ocorram a partir de uma construção mútua de conhecimento, de modo mais horizontal do que aquele que vem caracterizando geralmente as relações científicas Norte-Sul. De qualquer modo, apresentar a pesquisa nacional e latino-americana em fóruns globais é um tópico da agenda da área e a inserção

de nossas pesquisas numa história internacional dos estudos em Comunicação deve colaborar com a possível identificação de zonas de discussão comuns.

Nesse sentido, o debate atual em torno da epistemologia do campo, tem destacado a questão da institucionalização da comunicação como campo interdisciplinar de estudos como uma marca central da sua trajetória histórica. Uma intersecção possível de ser trabalhada entre essa característica local e os estudos internacionais diz respeito ao tema da fragmentação/dispersão *versus* unidade do campo. De fato, nos últimos anos, a importância e a complexidade que a comunicação assume na sociedade parece se refletir, no caso do Brasil, menos numa fragmentação do campo (Waisbord 2014) e mais numa dispersão temática e de perspectivas, o que pode explicar o surgimento de uma série de associações de pesquisa voltadas a subcampos da Comunicação⁴. Isto indica, sem dúvida, um enorme crescimento quantitativo da pesquisa, que, no entanto, requer mais esforços reflexivos sobre a unidade *interdisciplinar* do campo e as bases conceituais que favoreçam o diálogo e os avanços comuns.

Referências

Agüero, Ana Clarisa; García, Diego García. 2013. Culturas locales, culturas regionales, culturas nacionales. Cuestiones conceptuales y de método para una historiografía por venir. *Prismas*, nº 17.

Barbosa, Marialva et al. 2012. História Nacional. In: Castro, Daniel & José Marques de Melo (orgs.). *Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil*, 4. Brasília: IPEA, 25-165.

Barranquero, Alejandro. 2011. Rediscovering the Latin American Roots of Participatory Communication for Social Change. *Westminster Papers in Communication and Culture* 8 (1): 154–177.

Beltrán S., Luis Ramiro. 1981. Estado y perspectivas de la investigación en comunicación social en América Latina. In: *Memórias de la Semana Internacional de Comunicación*, Bogotá: Pontícia Universidade Javeriana de la Facultad de Comunicación Social.

Beltrán S., Luis Ramiro. 1979. Farewell to Aristotle: “horizontal communication”, Report presented at the *International Commission for the Study of*

⁴ Por exemplo, entre as associações criadas nos anos 2000: Associação Brasileira de Pesquisadores de Jornalismo (SBPJor) em 2003; Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação Organizacional e Relações Públicas (Abracorp), Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura (ABCiber) ambas em 2006.

Communication Problems, 48, Paris, UNESCO. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0003/000393/039360eb.pdf>>.

Beltrán S., Luis Ramiro. 1976. Alien premises, objects and methods in Latin American Communication Research. *Communication Research* 3(2): 107-134.

Berger, Christa. 2001. A Pesquisa em comunicação na América Latina. In: Hohlfeldt, Antonio; Martino, Luiz C. & Vera V. França (orgs.). *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis (RJ): Vozes, 241-277.

Berger, Christa. 1999. Crítica, perplexa, de intervenção e de denúncia: a pesquisa já foi assim na América Latina. *Intexto* 2(6): 1-15.

Bourdieu, Pierre. 1983. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro. Marco Zero.

Bourdieu, Pierre. 1982. *A economia das trocas simbólicas*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva.

Bourdieu, Pierre. 1975. Le champ scientifique. *Actes de la recherche en sciences sociales*. 2(2-3): 88-104.

Capparelli, Sérgio & Stumpf, Ida .1998. A constituição da comunicação como campo de conhecimento multidisciplinar. I Conferência Científica da UFRGS. Porto Alegre (mimeo).

Capriles, Oswaldo. 1982. La nouvelle recherche latino-américaine en communication. *Communication, Information*, 5(1): 97-144.

Festa, Regina & Carlos Eduardo Lins da Silva (orgs.). 1986. *Comunicação popular e alternativa no Brasil*. São Paulo: Paulinas.

Freire, Paulo. 1971. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Fuentes, Raúl. 2013. Regionalización, sociocultura y comunicación: reflexiones contextuales y conceptuales. *Caleidoscopio*. Año 16, número 28.

Gobbi, Maria Cristina. 2006. Aportes pioneiros: Um breve resgate da comunicação na América Latina. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, 4(3): 54-75. Disponível em: <http://www.alaic.net/revistaalaic/index.php/alaic/article/view/162/154>.

Huesca, Robert & Brenda Dervin. 1994. Theory and practice in Latin American alternative communication research, *Journal of Communication* 44(4):53–73.

Ianni, Octavio. 1994. Globalização: novo paradigma das ciências sociais. *Estudos Avançados*, 8(21): 147-163. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v8n21/09.pdf>>.

Jacks, Nilda (coord.). 2011. *Análisis de recepción en América Latina: un recuento histórico con perspectivas al futuro*. Ciespal: Equador, 2011.
<http://dspace.ciespal.net:8080/handle/123456789/124>

Lima, Venício A. de & Clifford Christians. 1979. Paulo Freire: the political dimension of dialogic communication. *Communication* 4(1): 133-155.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de (coord.). 2012. *Posgrados en comunicación en Iberoamérica: políticas nacionales e internacionales*. São Paulo: Confibercom, PPGCOM-USP. Disponível em <<http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/ata/pos/6.pdf>>. Acesso em 10 de jul. 2014.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. 1990. *Pesquisa em comunicação: formulação de um modelo metodológico*. São Paulo: Loyola.

Martín-Barbero, Jesús. 1999. Lo que la investigación latinoamericana de comunicación debe al Brasil. In: Lopes, Maria Immacolata Vassallo de (org.). *Vinte anos de Ciências da Comunicação no Brasil: avaliação e perspectivas*, Santos/São Paulo: Universidade Santa Cecília/Intercom, 31-48.

Marques de Melo, José. 2004. Los tiempos heroicos: la formación de la comunidad latinoamericana de ciencias de la comunicación. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, 1(1): 10-21. Disponível em: <http://www.alaic.net/revistaalaic/index.php/alaic/article/viewFile/110/108>.

Marques de Melo, José. 1988. Communication Theory and Research in Latin America: a preliminary balance of the past twenty-five years. *Media, Culture & Society* 10(4): 405-418.

Marques de Melo, José de & Ada Dencker. 1984. *Inventário da Pesquisa em Comunicação no Brasil: 1883-1983*. São Paulo: INTERCOM, PORTCOM.

Marques de Melo, José de (coord.). 1983a. *Pesquisa em Comunicação no Brasil: tendências e perspectivas*. São Paulo/Brasília: Cortez/INTERCOM/CNPq.

Marques de Melo, José de (coord.). 1983b. *Teoria e pesquisa em Comunicação: panorama latino-americano*. São Paulo/Brasília: Cortez/INTERCOM/CNPq.

Marques de Melo, José & Maria Cristina Gobbi (orgs.). 2000. *Gênese do pensamento comunicacional latino-americano: o protagonismo das instituições pioneiras CIESPAL, ICINFORM, ININCO*. São Bernardo do Campo: Umesp.

Martín-Barbero, Jesús. 1987. *De lo medios a las mediaciones*. Barcelona: Gustavo Gili.

Martino, Luiz C. 2007. Escola latino-americana de comunicação: equívoco teórico e político. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, 6(4): 102-112. Disponível em <<http://www.alaic.net/revistaalaic/index.php/alaic/article/view/30/29>>.

Mattelart, Armand. Vinte anos de pesquisa ou das certezas para a ambivalência. In: Lopes, Maria Immacolata Vassallo de (org.). *Vinte anos de Ciências da Comunicação no Brasil: avaliação e perspectivas*, Santos/São Paulo: Universidade Santa Cecília/Intercom: 15-30.

Moragas Spa, Miguel. 1981. *Teoria de la comunicación: Investigaciones sobre médios em América y Europa*. Barcelona: Gustavo Gili.

Ortiz, Renato. 1994. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense.

Paiva, Raquel & Marcello M. Gabbay. 2010. Comunicação, crítica e cidadania: releituras teóricas e perspectivas praticas. *Revista Debates* 4(1): 78-98. Disponível em <<http://www.seer.ufrgs.br/debates/article/viewFile/12268/8300>>.

Pooley, Jefferson D. & David W. Park. 2013. Communication Research, In *The Handbook of Communication History*, edited by Simonson, Peck, Craig and Jackson Jr., 76-90. New York and London: Routledge (ICA Handbook Series).

Ribeiro, Ana Paula Goulart & Micael Herschmann. 2008. História da comunicação no Brasil: um campo em construção. In: Ribeiro, Ana Paula Goulart & Micael Herschmann (orgs.) *Comunicação e História: interfaces e novas abordagens*. Rio de Janeiro: Maud, Globo Universidade, 13-26.

Rüdiger, Francisco. 2002. Trajetória da pesquisa em comunicação. In: _____. *Ciência social crítica e pesquisa em comunicação: trajetória histórica e elementos de epistemologia*, São Leopoldo (RS): Editora da Unisinos, 49-86.

Rüdiger, Francisco. 1998. *Introdução à teoria da comunicação*. São Paulo: Edicom.

Simonson, Peter & John Durham Peters. 2008. Communication and Media Studies, History to 1968. In *The International Encyclopedia of Communication*, edited by Wolfgang Donsbach, Vol. II., 764-771. New York: Blackwell.

Vattimo, Gianni. 1992. *A sociedade transparente*. Lisboa: Relógio d'Água.

Waisbord, Silvio. 2014. United and fragmented: Communication and media studies in Latin America. *Journal of Latin American Communication Research* 4(1). Disponível em: <<http://alaic.net/journal/index.php/jlacr/article/view/95/77>>.

Wallerstein, Immanuel et al. 1996. *Para abrir as ciências sociais*. Lisboa: Europa-América.